

Habuba Farak

Gomide&Co MPA

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

16	APRESENTAÇÃO INTRODUCTION Luisa Duarte
20	CANALIZANDO UM MILÊNIO DE ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA ÁRABE CHANNELING A MILLENNIUM OF ARAB GEOMETRIC ABSTRACTION Sultan Sooud Al-Qassemi
27	NEUTROS DA TEORIA DA COR THE NEUTRALS OF COLOR THEORY Habuba Farah
81	EU SOU A LINHA! I AM THE LINE! Fernanda Lopes
97	OBRAS WORKS
98	PINTURAS PAINTINGS
176	GUACHES GOUACHES
188	RECORTES CUT-OUTS
202	PASTÉIS PASTELS
209	OLHEI PARA O CÉU, E HAVIA MAIS DO QUE O AZUL, OU ACERCA DE FOGUETES, VOOS E ESTRELAS I LOOKED AT THE SKY, AND THERE WAS MORE THAN JUST BLUE, OR ON ROCKETS, FLIGHTS, AND STARS Marcos Moraes
233	CRONOLOGIA CHRONOLOGY

As frases que abrem e fecham o livro são excertos de entrevistas e escritos de Habuba Farah. The sentences that open and close the book are excerpts from interviews and writings by Habuba Farah.

CHANNELING A MILLENNIUM OF ARAB GEOMETRIC ABSTRACTION

Sultan Sooud Al-Qassemi

I first came across the work of Habuba Farah in early 2023 thanks to Charbel-joseph H. Boutros who knew of my interest in women artists active in the mid 20th century. Upon reading about her I was intrigued to learn that she comes from a family of Lebanese immigrants who moved to Brazil over a century ago. Her father Elias Farah was from Marjayoun in South Lebanon while her mother Marian Gattaz Ichaia was from the nearby town of Khiam. Upon marrying, the couple decided to immigrate to Brazil in 1913 where their daughter was born following a string of four children. Habuba is a female Arabic name that translates to *sweetheart*, while Farah, which can either be a first or a last name, means *joy*. Sadly, Marian passed away when Farah was only 10 years old.

At the turn of the 20th century, conflicts, famine, but also the search for economic opportunities led countless thousands to leave the Levant for Europe, Africa and the Americas. Today, several million Brazilians are believed to be descendants of Lebanese migrants, as well as those coming from Palestine and Syria. Artists constituted a number of these immigrants, including Bibi Zogbé (1890–1973) who was born in Beirut and immigrated to South America (in this case Argentina) for an arranged marriage in her teenage years. Another is Yvette Achkar (1928–), a contemporary of Farah who was born in São Paulo, Brazil to Lebanese parents. Unlike Farah, Achkar spent numerous years in her parents' home country. In that regard, Habuba Farah's experience is similar to that of Judith Lauand (1922–2022) who was born in Brazil to a Lebanese father and a Syrian mother. Lauand, a pioneering artist, was the only female member of the Brazilian Concrete Art movement whose works were shown in Lebanon for the first time at the 2012 Beirut Art Fair by South Border Gallery.

Despite being a descendant of Arab immigrants from Lebanon, Habuba Farah should be viewed through the context in which she was born, educated and in which she practiced. Farah, who describes her style as "Lyrical Geometric Abstractionist" ("because it is not rigorous, but playful") mirrors a wider movement by Brazilian women artists such as Lygia Pape (1927–2004), Mira Schendel (1919–1988), Lygia Clark (1920–1988) and the aforementioned

CANALIZANDO UM MILÊNIO DE ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA ÁRABE

Sultan Sooud Al-Qassemi



Retrato da família Farah no final da década de 1940. Habuba é primeira à esquerda, sentada.

Portrait of the Farah Family in the late 1940s. Habuba is seated on the far left.

Conheci o trabalho de Habuba Farah no início de 2023, graças a Charbel-joseph H. Boutros, que sabia do meu interesse por artistas mulheres que produziam em meados do século 20. Ao ler sobre ela, intrigou-me a descoberta de que ela vem de uma família de imigrantes libaneses que se mudou para o Brasil há mais de um século. Seu pai, Elias Farah, era de Marjayoun, no sul do Líbano, enquanto sua mãe, Marian Gattaz Ichaia, era da cidade vizinha, Khiam. Ao se casarem, decidiram imigrar para o Brasil em 1913, onde nasceu a caçula de cinco filhos. Habuba é um nome árabe feminino que significa “querida”, enquanto Farah, que tanto pode ser nome como sobrenome, significa “alegria”. Infelizmente, Marian faleceu quando a filha tinha apenas 10 anos de idade.

Na virada para o século 20, os conflitos, a fome e a busca por oportunidades econômicas levaram milhares de pessoas a deixar o Levante rumo à Europa, à África e às Américas. Hoje, acredita-se que milhões de brasileiros sejam descendentes de migrantes libaneses, bem como daqueles vindos da Palestina e da Síria. Diversas artistas estavam entre esses imigrantes, como Bibi Zogbé (1890-1973), que nasceu em Beirute, Líbano, e imigrou para a América do Sul (para San Juan, Argentina) em razão de um casamento arranjado por seus pais em sua adolescência. Outro exemplo é Yvette Achkar (1928-), contemporânea de Farah, filha de libaneses que nasceu em São Paulo. Ela viveu vários anos no país de origem dos pais, ao contrário de Habuba. Nesse ponto, a experiência desta é semelhante à de Judith Lauand (1922-2022), que nasceu no Brasil, filha de pai libanês e mãe síria. Lauand, artista pioneira, foi a única mulher do grupo de artistas que lançou o movimento de Arte Concreta no Brasil, e seus trabalhos foram expostos pela primeira vez no Líbano em 2012, na Beirut Art Fair, pela Galeria South Border.

Mesmo sendo descendente de imigrantes árabes do Líbano, Habuba Farah deve ser vista a partir do contexto em que nasceu, educou-se e desenvolveu sua produção. Ela, que descreve seu estilo como “abstração geométrica lírica” (“porque, antes de ser rigorosa, é lúdica”), reflete um movimento mais amplo de artistas brasileiras, como Lygia Pape (1927-2004), Mira Schendel

Judith Lauand, all of whom were trailblazers whose works today are collected by major museums and institutions. All of these women experimented with mathematical tools and geometric abstraction to create dynamic, novel compositions. While relying on precise measures and mathematical construction principles, their work retained an emotive character and a playful, distinct personality.

Farah was born in 1931 in the town of Getulina, around 450 km North West of São Paulo, a city that she would visit regularly from the 1950s onwards. Around that time, São Paulo began to position itself as a major art hub, with the inauguration of the Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) in 1947, and the first São Paulo International Biennial in 1951 (the second oldest art biennial in the world after Venice). Before long, artists from across the world descended in large numbers onto the city, which already had over 2.5 million inhabitants at that time. The Bienal presented artists from across the globe—including the Arab world—with dedicated pavilions for countries such as Egypt that participated as early as the second São Paulo Biennial in 1953.

With her daughter Teresa Riccetti serving as an intermediary, Farah answered a few of my questions including whether she had visited her ancestral home. “Unfortunately, I have never been to Lebanon or the Middle East. But I always maintained a close relationship with the Arab and Lebanese community in São Paulo.” Farah adds “In addition to living with family members, uncles, aunts and cousins, I had a great friend, a very dear friend, Suhad Naffah. Her husband, Salim Naffah, served as the Lebanese consul in Brazil for several years, and later as the ambassador in Paris.” Furthermore, amongst Farah’s numerous shows, which stretch back to as early as 1951, are exhibitions held in 1973 and again in 2002 at the Clube Atlético Monte Líbano in São Paulo, which was founded by Syrian-Lebanese immigrants in 1934.

Farah’s artworks were shown for the first time in the context of the Arab world at the exhibition *Kawkaba: Highlights from the Barjeel Art Foundation*, which took place at Christie’s London between July 20th and August 23rd, 2023 and placed Farah’s work *Quadrature 1* adjacent to works by leading female artists from Lebanon including Huguette Caland (1931–2019), Etel Adnan (1925–2021), Saloua Raouda Choucair (1916–2017) and Nadia Saikali (1936–) who also were pioneers in abstract art in the region along with their Egyptian counterpart Khadiga Riad (1914–1981). Researcher Nadine Nour el Din noted that Farah’s practice most closely resembles that of Samia Halaby, who was born in Jerusalem in 1936 and has been based in the United States since 1951. Halaby, whose work was also shown at the *Kawkaba* exhibition, was

(1919-1988), Lygia Clark (1920-1988) e a já mencionada Judith Lauand, todas artistas pioneiras cujas obras hoje são parte do acervo de importantes museus e instituições. Essas mulheres usaram ferramentas matemáticas e a abstração geométrica para criar composições dinâmicas e inovadoras. Ainda que se baseassem em medidas precisas e princípios de construção da matemática, seus trabalhos mantiveram um caráter afetivo e um estilo próprio, lúdico.

Habuba Farah nasceu em 1931 na cidade de Getulina, a cerca de 450 km a noroeste de São Paulo, lugar que ela passou a visitar regularmente a partir da década de 1950. Nessa época, São Paulo despontava como um importante polo de arte, inaugurando o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) em 1947 e sediando a primeira Bienal Internacional de São Paulo em 1951 (a segunda bienal de arte mais antiga do mundo, depois da Bienal de Veneza). Em pouco tempo, inúmeros artistas de todo o planeta se dirigiram para a cidade, cuja população já ultrapassava 2,5 milhões de habitantes na época. A Bienal apresentava artistas de toda parte, incluindo os do mundo árabe, com pavilhões dedicados a países como o Egito, que participou da segunda edição, em 1953.

Tendo sua filha Teresa Riccetti como intermediária, Farah respondeu a algumas perguntas trazidas por mim; dentre elas se já tinha visitado a terra de seus ancestrais. “Infelizmente, nunca estive no Líbano ou no Oriente Médio. Mas sempre mantive uma relação próxima com a colônia árabe e libanesa de São Paulo”, diz ela. “Além de conviver com membros da família, tios, tias e primos, tive uma grande amiga, muito querida, Suhad Naffah. Seu marido, Salim Naffah, foi cônsul libanês no Brasil por vários anos e, posteriormente, embaixador em Paris.” Além disso, entre as inúmeras exposições de que Farah participou desde 1951, estão aquelas realizadas em 1973 e, depois, em 2002, no Clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo, fundado por imigrantes sírio-libaneses em 1934.

As obras de Farah foram exibidas pela primeira vez no contexto do mundo árabe na exposição *Kawkaba: Highlights from the Barjeel Art Foundation* [Kawkaba: destaques da Barjeel Art Foundation], que ocorreu na Christie’s London, na Inglaterra, entre 20 de julho e 23 de agosto de 2023. A mostra apresentou a pintura *Quadratura I* de Farah, ao lado de obras de importantes artistas libanesas, como Huguette Caland (1931-2019), Etel Adnan (1925-2021), Saloua Raouda Choucair (1916-2017) e Nadia Saikali (1936-), também pioneiras da arte abstrata da região, além da egípcia Khadiga Riad (1914-1981).

influenced by the geometric abstraction of Islamic architecture, as well as the Russian avant-garde. Both artists, though separated by thousands of miles, turned to geometry as a means to explore color and three dimensionality on two-dimensional canvases.

Commenting on how she felt to have her work included in an exhibition of Arab artists, Farah told me “I feel very honored. I never thought that at 92 years old, my work, my life... would have this resonance. It was very difficult to be a female artist in my time. I have to thank my father, my sisters, and brother, my husband, and children who have always supported me. I need art to live!” Farah added, “The first wish I had when I found out that my work would be in an exhibition by artists representing the Arab world – was that my father and my siblings would be alive to see it. I am very touched!”

I asked Farah how she identifies herself: “I identify myself as a woman and artist of Arab descent. My work has always been highly recognized by the Arab community. My major exhibitions were held at Clube Atlético Monte Líbano and Clube Sírio, both in São Paulo.” Habuba Farah’s practice, which focused on mathematical relationships between colors and shapes, along with a career spanning over seven decades, embodies both her Brazilian upbringing and Arab heritage. “I’ve said this before,” Farah tells me, “In my blood runs the millennia-old geometric abstractionism of Arab culture.”

SULTAN SOOUD AL-QASSEMI is an Emirati columnist and researcher on social, political and cultural affairs in the Arab Gulf States. Sultan was a lecturer in prestigious institutions around the world, such as Georgetown University (Washington DC), Columbia University (New York), Boston College, SciencesPo (Paris), and Bard College (Berlin). He was a MIT Media Lab Director’s Fellow and a Yale Greenberg World Fellow. Sultan is also the founder of the Barjeel Art Foundation, an independent initiative established in 2010 to contribute to the intellectual development of the art scene in the Arab region. In 2018, 100 works from the collection were hosted on a long-term basis at the Sharjah Art Museum.

A pesquisadora Nadine Nour el Din observou que a prática de Farah se assemelha mais à de Samia Halaby (1936-), nascida em Jerusalém e residente nos Estados Unidos desde 1951. Halaby, cujo trabalho também esteve presente na exposição, foi influenciada pela abstração geométrica da arquitetura islâmica da região, bem como pela vanguarda russa. Ambas as artistas, embora separadas por milhares de quilômetros, recorreram à geometria como meio de explorar a cor e a tridimensionalidade em telas bidimensionais.

A respeito de como se sentia por ter seu trabalho apresentado em uma exposição de artistas árabes, Farah me disse: “Sinto-me muito honrada. Nunca pensei que, aos 92 anos de idade, meu trabalho, minha vida... teriam essa repercussão. Foi muito difícil ser uma artista mulher na minha época. Tenho de agradecer a meu pai, a minhas irmãs e a meu irmão; a meu marido e a meus filhos, que sempre me apoiaram. Preciso da arte para viver!”. E acrescentou: “O primeiro desejo que tive quando soube que meu trabalho estaria em uma exposição de artistas representando o mundo árabe foi de que meu pai e meus irmãos estivessem vivos para ver. Estou muito emocionada!”.

Perguntei a Farah como ela se identifica neste mundo: “Eu me identifico como uma mulher e artista de ascendência árabe. Meu trabalho sempre foi muito reconhecido pela colônia árabe. Minhas principais exposições foram no Clube Monte Líbano e no Clube Sírio, ambas em São Paulo”. A produção da artista, que se concentrou nas relações matemáticas entre cores e formas, e sua carreira, que abrange mais de sete décadas, incorporam tanto sua formação brasileira quanto sua herança árabe. “Já disse isso antes”, conta-me Farah, “em meu sangue corre o milenar abstracionismo geométrico da cultura árabe.”

SULTAN SOOUD AL-QASSEMI é um colunista dos Emirados e investigador sobre assuntos sociais, políticos e culturais nos Estados Árabes do Golfo. Sultan foi professor em instituições de prestígio em diversos lugares, como a Universidade de Georgetown (Washington DC), a Universidade de Columbia (Nova York), o Boston College, a SciencesPo (Paris) e o Bard College (Berlim), tendo sido Diretor Fellow do MIT Media Lab e Greenberg World Fellow de Yale. É também o fundador da Barjeel Art Foundation, uma iniciativa independente criada em 2010 para contribuir para o desenvolvimento intelectual da cena artística na região árabe. Em 2018, foi feito um comodato de longo prazo de cem obras da sua coleção para o Museu de Arte de Sharjah.